

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

8,5

O PSICOPEDAGOGO E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
ENCONTRADAS NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JARI EDGAR
ZAMBIAZI

ANA LUCIA DA SILVA AMARAL

annaamarall@hotmail.com

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

ARIPUANÃ/2014

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

O PSICOPEDAGOGO E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
ENCONTRADAS NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR JARI EDGAR
ZAMBIAZI

ANA LUCIA DA SILVA AMARAL

annaamarall@hotmail.com

ORIENTADOR: PROF. ILSO FERNANDES DO CARMO

*“Trabalho apresentado como exigência
parcial para a obtenção do Título de
Especialização em Psicopedagogia.”*

ARIPUANÃ/2014

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado a chance de viver experiências únicas que só me fizeram crescer como pessoa. Por ter colocado no meu caminho pessoas especiais que nunca serão esquecidas e por ter me dado força e paciência durante esses dois anos.

Aos meus irmãos, pois sem vocês eu não estaria vencendo mais essa etapa da minha vida a vocês o meu muito obrigado.

Aos meus professores que foram maravilhosos.

Aos meus colegas de trabalho que me ajudaram respondendo o questionário para pesquisa.

Ana Lúcia

DEDICATÓRIA

A Deus, que, com sua infinita bondade e misericórdia, esteve ao meu lado em todos os momentos.

Aos meus irmãos, cunhadas, cunhado e sobrinhos que sempre torceram por mim.

A minha avó Francisca que foi uma pessoa muito importante na minha vida.

Aos meus pais que estão com Deus, se não fosse eles eu nem existia

Aos meus tios e primos que torceram por mim durante esses dois anos.

Aos verdadeiros amigos que sempre quiseram o meu bem e torceram por mim.

Aos meus colegas de sala que me ajudaram.

Ana Lúcia

O professor mediano conta.

O bom professor explica.

O professor superior demonstra.

O grande professor inspira.

(Autor desconhecido)

RESUMO

Esta monografia surgiu da preocupação existente diante as dificuldades dos alunos em construir seus próprios conhecimentos por meio de estímulos, tem justamente o objetivo de fazer uma abordagem sobre a educação e a importância do psicopedagogo diante das dificuldades de aprendizagem encontradas na instituição escolar.

Num primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico a cerca do tema e na sequência foi realizada uma pesquisa de campo. Esta pesquisa ocorreu na Escola Municipal Profº Jari Edgar Zambiasi nos meses de Março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro do ano de dois mil e treze, tendo como foco os professores de 5º ao 9º ano e suas possíveis dificuldades para trabalhar com os alunos que tem dificuldades na aprendizagem. Foi elaborado um questionário semi estruturado contendo dez questões e este foi entregue a cinco professores desta instituição que serão nomeados professor A, B, C, D e E, para o não comprometimento do seu trabalho.

Ao analisar a atuação do psicopedagogo mediante aos problemas relacionados às dificuldades de aprendizagem, percebe-se o quão é preocupante a real condição de atendimento desses alunos, da qualificação e atuação dos professores, seja em escolas públicas ou privadas. Nem sempre os professores conseguem expressar seu real entendimento a respeito do que entendem por dificuldade de aprendizagem, em parte pelo desconhecimento ou pela complexidade da questão. Por isso, é fundamental a formação destes profissionais para atuar sobre estas dificuldades, seja em sala de aula ou na orientação de docentes e discentes. Observou-se que é através do desenvolvimento participativo que se constrói uma educação de qualidade. Enquanto houver participação, dialogo entre as partes interessadas, as possibilidades tornam-se possíveis neste processo, visto que todos são responsáveis pelo mesmo.

Palavras chave: Psicopedagogo, dificuldades, intervenção e superação.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I	
1.0 A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	10
1.1 O PSICOPEDAGOGO VERSUS AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	13
1.2 OBSTACULOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	15
1.3 AS METODOLOGIAS A SEREM UTILIZADAS PARA UM MELHOR TRABALHO.....	18
CAPÍTULO II	
2.0 FATORES QUE CAUSAM AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	21
2.1 POSSÍVEIS INTERVENÇÕES DO PSICOPEDAGOGO NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	25
CAPÍTULO III	
3.0 METODOLOGIA.....	27
3.1ANALISE DOS DADOS	27
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
ANEXOS	38

INTRODUÇÃO

O presente estudo está centrado na importância do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem encontradas na instituição de Ensino Municipal Professor Jarí Edgar Zambiasi. Se começou a interessar pela presente temática logo no início do curso de Pós graduação em Psicopedagogia, ao perceber o quanto a educação de qualidade é importante na formação do cidadão. Essa convicção se consolidou logo ao iniciar o ano letivo de 2013 em uma escola pública do município de Aripuanã/MT. Ali, convivendo com professores, gestores, articuladores, professor de recursos e alunos, se pode perceber que a educação escolar era saída mais viável para escapar da situação de ignorância em que se encontrava a maioria das crianças, especialmente as de baixa renda, que se encontravam inseridas naquela localidade.

A aprendizagem era entendida como acumulação de conhecimentos onde cada professor cuidava de seus problemas, sem conexão com os demais colegas e sem levar em conta a experiência e os significados que os alunos haviam construídos ao longo de suas experiências pessoais.

Esta monografia tem o intuito de analisar as seguintes problemáticas: Quais são os critérios utilizados para diagnosticar alunos com dificuldades de aprendizagem? De que maneira a escola, a família e a comunidade pode estabelecer uma parceria neste processo? Como o profissional denominado psicopedagogo pode intervir diante das dificuldades de aprendizagem? E Quais são os fatores que mais interferem na aprendizagem dos alunos?

Possíveis hipóteses serão analisadas criticamente para a solução desses problemas encontrados na sala de aula, ou seja, todo profissional da educação deve fazer um diagnóstico inicial de cada aluno para identificar possíveis dificuldades de aprendizagem e após esgotar todas as suas possibilidades de intervenções, devem então buscar um atendimento especial como o de um articulador, psicopedagogo ou até mesmos a sala de recursos multimeios, buscando sempre uma educação de qualidade.

Escola, família e comunidade devem estar sempre unidas, ou seja, quanto mais rápido o professor detectar o problema mais fácil ficará para solucioná-lo. A

educação familiar adequada é feita com amor, paciência e coerência, pois desenvolve nos filhos autoconfiança e espontaneidade, que favorecem a disposição para aprender.

O psicopedagogo é um profissional qualificado para intervir e possibilitar meios para o desenvolvimento de um trabalho voltado para o problema diagnosticado e possivelmente traz soluções para o mesmo.

Existem vários fatores que interferem diretamente na aprendizagem dos alunos, como: famílias desestruturadas, professores com má formação, métodos de ensino, o ambiente escolar, dentre outros.

Porém, não se pode esperar um progresso efetivo se a escola, psicopedagogo, família e professores não tiverem claras as ações a serem tomadas e quais os meios que usará para concretizar seus objetivos. Visto que não se podem criar expectativas infundadas, exigindo da criança algo que ela não pode dar, ou pelo menos, por completo. Esta atitude pode ocasionar sentimentos de incapacidade e baixa estima, conseqüentemente, ao fracasso. Sendo assim, é relevante respeitar os limites e possibilidade de cada indivíduo dentro de suas particularidades.

Para a realização deste projeto utilizou-se pesquisa bibliográfica em livros, revistas, pesquisa na internet, pesquisa de campo entre outros.

A pesquisa de campo aconteceu na Escola Municipal Professor Jarí Edgar Zambiasi no Município de Aripuanã /MT CEP 78325000. Foram entrevistados cinco (05) professores de 5º ao 9º ano. Os professores responderam um questionário semi estruturado com onze questionamentos. Buscou-se através da pesquisa uma melhor compreensão sobre o tema abordado.

O ato de aprender é inerente ao ser humano, independente de sua condição, por isso, o professor deve utilizar mecanismos que possibilitem a interação entre os alunos com dificuldades de aprendizagem. Diante desta premissa, vale ressaltar que todos têm mais pontos em comum do que diferenças, ou seja, ser diferente é normal, indiferente, é ignorância.

Em nome de uma educação que respeite as diferenças, a comunidade escolar e a família devem analisar e refletir o quão é importante cultivar estas relações, fortalecendo os princípios comuns no processo educacional.

Para justificar os objetivos acima propostos, este trabalho será desenvolvido em três capítulos, no primeiro capítulo, será exposto o referencial teórico, fornecendo a argumentação na perspectiva de realizar uma reflexão sobre o problema proposto. Introduzindo o referencial teórico, fazer-se a um breve levantamento sobre a atuação do psicopedagogo no ambiente escolar, bem como as dificuldades de aprendizagem, os obstáculos e desafios a serem enfrentadas, as metodologias a serem utilizadas para um melhor trabalho.

No segundo capítulo, serão expostos os principais fatores que causam as dificuldades de aprendizagem, bem como possíveis intervenções do psicopedagogo.

No terceiro capítulo será possível observar a metodologia utilizada para se chegar a uma conclusão final sobre o exposto.

CAPÍTULO I

1.0 A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A Psicopedagogia, segundo BOSSA (2000), chegou ao Brasil na década de setenta (70) cujas dificuldades eram associadas aos problemas neurológicos ou disfunção cerebral, disfarçando os problemas sociopedagógico que nesta época o acesso a atendimento era precário e para poucos. O Brasil recebeu influência de alguns países, Jorge Visca, foi o que mais contribuiu neste ramo no país.

Segundo o autor BOSSA (2000), a psicopedagogia configura-se de maneira clínica, porém seu enfoque é na prática preventiva que o sujeito é observado no contexto no qual está inserido, sendo assim, de maneira interdisciplinar, o individuo aprende, apreende, elabora, cria e recria, transforma seu saber em conhecimento. Nessa premissa, a área de atuação do profissional Psicopedagogo é de aplicação, sistematizando sua área de estudo para intervir de maneira mais significativa, devido a isso, ela recorre a Pedagogia, Psicologia, a Psicanálise, Linguística, Fonoaudiologia, Medicina. Ele deve se ocupar com a aprendizagem humana, principalmente, no início do processo de aprendizagem.

O primeiro passo é investigar e observar as possíveis causas das dificuldades, neste momento, objeto e sujeito deve interagir para facilitar o diagnostico posterior. Somente após o diagnostico, cabe o psicopedagogo intervir junto ao professor, a escola e a família. É neste momento que o psicopedagogo poderá promover dinâmicas educativas de relações, integração e troca de informações, além de orientações metodológicas de acordo com as características dos grupos em questão. Neste sentido, é fundamental que este profissional tenha conhecimento sobre varias áreas do saber humano, visto que sua intervenção pode transformar ou deformar a vida de indivíduos. Nesta premissa, BOSSA (2000 p. 19)

[...] a psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos.” “[...] ela busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos educadores.

Para BOSSA (1994), as atividades do psicopedagogo deve ser a de orientar nos estudos, ou seja, organizar a vida escolar do aluno que apresenta dificuldades

em responder de maneira direta; ter conhecimento do conteúdo estudado pelo sujeito para propiciar a ela o desenvolvimento do raciocínio nas atividades de baixo aproveitamento e atender portadores de deficiências mentais, autistas ou com comprometimentos orgânicos.

Para BOSSA (2007, p. 31)

As atividades do psicopedagogo deve ser a de orientar nos estudos, ou seja, organizar a vida escolar do aluno que apresenta dificuldades em responder de maneira direta; ter conhecimento do conteúdo estudado pelo sujeito para propiciar a ela o desenvolvimento do raciocínio nas atividades de baixo aproveitamento e atender portadores de deficiências mentais, autistas ou com comprometimentos orgânicos.

Diante disso o profissional desta área deve ter uma ampla compreensão dos mais variados problemas inerente ao ser humano, tendo a responsabilidade de que sua ação será pautada na apropriação e transmissão do conhecimento.

É um processo onde investigador e objeto interaja a cada momento, buscando compreender a mensagem implícita no não aprender do outro. Por isso, é importante este profissional estar ativo junto à comunidade na tentativa observar as possíveis causas das dificuldades de aprendizagem, sendo assim, a família e professores é peças chave nesta etapa de análise.

Para COLL (1995), a participação da comunidade na escola faz toda diferença uma vez que ela pode e deve ter um olhar crítico sobre a gestão, conteúdo, métodos e professores. São opiniões relevantes, visto que, nem sempre quem esta a frente ou inserida numa instituição de ensino, consegue observar com clareza as falhas existentes neste âmbito.

Diante do baixo desempenho acadêmico, as escolas estão cada vez mais preocupadas com os alunos que têm dificuldades de aprendizagem, não sabem mais o que fazer com as crianças que não aprendem de acordo com o processo considerado normal e não possuem política de intervenção capaz de contribuir para a superação dos problemas de aprendizagem.

Neste contexto, para BASSEDAS (1996), o psicopedagogo institucional, como um profissional qualificado, está apto a trabalhar na área de educação, dando assistência aos professores e a outros profissionais da instituição escolar para a melhoria das condições do processo ensino-aprendizagem, bem como para prevenção dos problemas de aprendizagem.

Por meio de técnicas e métodos próprios, o psicopedagogo, segundo BOSSA (1994), possibilita uma intervenção psicopedagógica visando à solução de problemas de aprendizagem em espaços institucionais. Juntamente com toda a equipe escolar, está mobilizado na construção de um espaço adequado às condições de aprendizagem de forma a evitar comprometimentos. Elege a metodologia e/ou a forma de intervenção como o objetivo de facilitar e/ou desobstruir tal processo. Os desafios que surgem para o psicopedagogo dentro da instituição escolar relaciona-se de modo significativo. A sua formação pessoal e profissional implicam a configuração de uma identidade própria e singular que seja capaz de reunir qualidades, habilidades e competências de atuação na instituição escolar.

A psicopedagogia é uma área que estuda e lida com o processo de aprendizagem e com os problemas dele decorrentes. Acreditamos que, se existissem nas escolas psicopedagogos trabalhando com essas dificuldades, o número de crianças com problemas seria bem menor. Para BOSSA (2000, p.35), o psicopedagogo tem muito o que fazer na escola: Sua intervenção tem um caráter preventivo, sua atuação inclui:

- Orientar os pais;
- Auxiliar os professores e demais profissionais nas questões pedagógicas;
- Colaborar com a direção para que haja um bom entrosamento em todos os integrantes da instituição e;
- Principalmente socorrer o aluno que esteja sofrendo, qualquer que seja a causa.

São inúmeras as intervenções que o psicopedagogo pode ajudar os alunos quando precisam, e muitas coisas podem atrapalhar uma criança na escola, sem que o professor perceba, e é o que ocorre com as maiores das crianças com dificuldades de aprendizagens, e às vezes por motivos tão simples de serem resolvidos.

Problemas familiares, com os professores, com os colegas de turma, no conteúdo escolar, e muitos outros que acabam por tornar a escola um lugar aversivo, e o que deveria ser um lugar prazeroso. BASSEDAS (1996), ressalta que dentro da escola, a experiência de intervenção junto ao professor, num processo de parceria, possibilita uma aprendizagem muito importante e enriquecedora, principalmente se os professores forem especialistas em suas disciplinas.

Não só a sua intervenção junto ao professor é positiva, também com a participação em reuniões de pais, esclarecendo o desenvolvimento dos seus filhos, em conselhos de classe com a avaliação no processo metodológico, na escola como um todo, acompanhando e sugerindo atividades, buscando estratégias e apoio necessário para cada criança com dificuldade. Segundo BOSSA (1994, p. 23):

[...] cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter essistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou, da própria ensinagem.

O psicopedagogo atinge seus objetivos quando, tem a compreensão das necessidades de aprendizagem de determinado aluno, abre espaço para que a escola viabilize recursos para atender às necessidades de aprendizagem. Desta forma o psicopedagogo institucional passa a tornar uma ferramenta poderosa no auxílio da aprendizagem.

1.1 O PSICOPEDAGOGO VERSUS AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Torna-se cada vez maior a preocupação dos pais em acertar na educação dos filhos e o psicopedagogo é a profissional responsável em sanar inúmeras dificuldades de aprendizagem, juntamente com pais e professores. PILETTI (1984), considera, assim como diversos outros autores, que as primeiras experiências educacionais da criança, geralmente são proporcionadas pela família, no entanto cabe a família buscar ajudar para os filhos.

Para BOSSA (2002), a ideia do fracasso escolar teve seu surgimento no século XIX coma obrigatoriedade escolar decorridas das mudanças econômicas e estruturais da sociedade.

Porém, cabe ressaltar que no período que antecede este século, segundo BOSSA (2000), já havia crianças que não aprendiam, mas não eram conhecidas como tal. Durante muitos anos o fracasso escolar era visto simplesmente como uma falta de condição do aluno em adquirir conhecimentos, sendo somente de sua responsabilidade, porém, com o passar do tempo constatou-se que este problema

também era de responsabilidade da sociedade e principalmente da instituição escolar que não pode contribuir para exclusão social.

Com base em todo cenário educacional do país hoje, fica claro afirmar que devemos repensar nossa prática educativa e partirmos do pressuposto que o fracasso escolar não é uma responsabilidade somente do aluno, mas também da escola, família e de todos que estão envolvidos no processo de ensinar-aprender.

Se aceitarmos o fato de sermos diferentes, temos que atentar para a necessidade de construirmos práticas pedagógicas que valorizem e aproveitem toda bagagem de conhecimentos construída pelo aluno no decorrer de sua caminhada escolar. Na atualidade, várias pesquisas têm sido realizadas na busca de compreender o fracasso escolar na alfabetização tendo em vista os problemas que a leitura e a escrita apresentam à educação (PATTO, 1996; MICOTTI, 1987; SCOZ, 1994).

Essas pesquisas indicam a existência de problemas no processo de ensino-aprendizagem da linguagem na primeira série, isto é, problemas relativos à alfabetização, pois é na primeira série que normalmente ocorre a alfabetização. O educando chega à escola com um grande número de experiências, de aprendizagens que são ignoradas pelo professor, pois mesmo antes de ingressar na escola a criança já possui inúmeras vivências que deveriam servir como ponto de partida das atividades do professor.

A criança, mesmo não reconhecendo os símbolos do alfabeto, já "lê" o seu meio, estabelecendo relações entre significante e significado. A escola deve dar continuidade a esse processo defendendo a livre expressão da criança, pois com isso o educando enfrentará com mais tranquilidade a grande aventura do primeiro ano escolar: aprender a ler e escrever.

Nesse sentido, BASSEDAS (1996), relata que é necessário que os educadores tenham conhecimentos que lhes possibilitem compreender sua prática e os meios necessários para promoverem o progresso e o sucesso dos alunos. Uma das maneiras de se chegar a isso é através das contribuições que a Psicopedagogia proporciona, pois é a área que estuda e lida com o processo da aprendizagem e com os problemas dele decorrentes. Sua nova visão vem sendo apresentada pela Psicopedagogia e vem ganhando espaço nos meios educacionais brasileiros,

despertando o interesse dos profissionais que atuam nas escolas e buscam subsídios para sua prática pedagógica.

1.2 OBSTACULOS E DESAFIOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

Ensinar as crianças a ler e conseqüentemente a escrever é o grande desafio dos professores, uma vez que a realidade social hoje é desumana, dificultando o processo de aprendizagem.

Evidentemente que é possível aprender a ler e escrever com os métodos tradicionais como sendo as cartilhas que usam o método da silabação; entretanto, tal procedimento leva à mera codificação, ou seja, a educação bancária, onde são apenas depositadas as informações sem que a criança aprenda a interpretação do texto, partindo daí uma alfabetização mecânica, em que as crianças não são capazes de produzir textos e interpretá-los. Segundo SCOZ (1994, p.88):

A cartilha, por exemplo, pode funcionar como um ponto de apoio, um modelo norteador para a apresentação e desenvolvimento do conteúdo, sobretudo para professoras sem experiência em alfabetização. Não se deve, no entanto, representar mais que do que um mero recurso, pois esta longe de dar conta dos múltiplos aspectos que envolvem a aquisição da leitura e da escrita.

Concorda-se com SCOZ (1994), não é possível que os docentes guiem-se apenas por cartilhas, ou seja, uma vez que o processo de aprendizagem se dá por vários métodos. Neste sentido é imprescindível que sejam professores graduados na área para que possa trabalhar estratégias de ensino diversificadas, assim aproveitando a vivência da criança, utilizando materiais que lhe ofereçam a oportunidade de identificar a escrita e relacioná-la com o cotidiano, oportunizando, assim, o entendimento do seu valor social.

Cita-se ainda, que a falta de interesse dos alunos nas aulas ocorre muitas vezes porque muitos vêm de famílias com problemas econômicos, de culturas diferentes, famílias desestruturadas, contando ainda com a falta de participação e estímulo dos pais em relação ao ensino dos filhos; existindo desta forma bloqueios que dificultam a aprender a ler, pois tem dificuldades em assimilar, os docentes têm que administrar estes problemas de alguma forma para que o aluno sinta-se num ambiente em que desenvolva sua autoconfiança; também o carinho dos professores

colabora em muito para assimilação e compreensão de conteúdos, uma vez que na maioria são crianças carentes de afeto, pois os pais trabalham além destes terem muitos filhos e conseqüentemente não dispensarem atenção que estes precisam; além da falta de alimentação adequada, aonde muitos vão à escola apenas pela merenda escolar, totalmente desinteressado.

De acordo com SPODEN e SARACHO (1998, p. 167), diz:

O envolvimento dos pais na educação das crianças tem uma justificativa pedagógica e moral, bem como legal... Quando os pais iniciam uma parceria com a escola, o trabalho com as crianças pode ir além da sala de aula, e a aprendizagem na escola e em casa podem se complementar mutuamente.

Os autores ainda afirmam que, os pais têm uma grande importância para educação pedagógica e moral, é essencial, pois assim terão uma interação família e escola, somente assim poderão ter uma aprendizagem integral e motivada.

Pode-se ressaltar ainda, que os problemas familiares influenciam em muito o desenvolvimento dos alunos, citando como exemplo caso observado anteriormente de aluno inquieto quando verificado mais profundamente, descobriu-se que o pai estava preso e a mãe transtornada com a situação, gerando para este uma aflição e inquietação, criando bloqueios e falta de motivação.

Pois as dificuldades de vivência diferem de criança para criança assim a necessidade de ler e escrever também não surge da mesma forma para todas, uma vez que vivem em ambientes diferentes que proporcionam a elas experiências diversas.

Por exemplo, a criança da zona urbana, é favorecida por estar em contato com o código escrito muito antes de ir à escola, através de letreiros de propagandas, cartazes, TV, acesso a livros, revistas, etc.; entretanto as crianças da zona rural não têm a mesma oportunidade do que as da zona urbana. As crianças têm que ter contato com textos mesmo antes de saber lê-los. *“A essência das idéias de Paulo Freire (1983) era que antes de ensinar uma pessoa a ler as palavras, era preciso ensiná-la a ler o mundo.”* (FREIRE, 1983, p.14).

Concorda-se com as definições de FREIRE, analisando, a leitura e escrita são processos que a criança passa, onde aprende o significado das coisas e objetos, sendo que é através destes, que a criança constrói seu sistema interpretativo, pensa, raciocina e inventa, inserindo-se no mundo em que vive

conhecendo-o melhor. O processo de aprendizagem da leitura e da escrita deve ser desenvolvido numa linguagem real, onde a criança precisa de algo real, natural, ou seja, algo vivenciado. A assimilação de códigos linguísticos fará parte aos poucos da vida da criança vivenciado dia-a-dia.

A convivência constante das crianças da zona urbana com a palavra é tão grande que a descoberta do código passa despercebida, vista como algo espontâneo e natural. No entanto, uma criança que vive num meio onde não tem contato com a palavra escrita, não vai sentir a mesma urgência de ler. Se em sua casa não existem livros, jornais, revistas, se os pais não lêem, nem escrevem não vai se interessar tanto pela alfabetização, já que palavra escrita não faz parte do seu dia-a-dia. Se viver num ambiente com estes recursos não terá dificuldades na leitura e escrita.

MOLL (1996, p.69) afirma que:

A criança que vive num ambiente estimulador vai construindo prazerosamente seu conhecimento do mundo. Quando a escrita faz parte de seu universo cultural também constrói conhecimento sobre a escrita e a leitura. Ler é conhecer. Quando mais tarde ela aprender a ler a palavra, já enriquecida por tantas leituras anteriores, apropriar-se á de mais um instrumento de conhecimento do mundo.

Para leitura a criança precisa interpretar símbolos, imagens, gestos, desenhos, etc., promovendo predições, induções e a comunicação de várias formas de textos entre si.

Neste sentido, entende-se que se a criança possui em casa outros recursos de leitura, não é tão grave que a escola use só um único texto, mas se a escola é o único ambiente alfabetizador do aluno, isto é gravíssimo, por não ampliar seu conhecimento e, conseqüentemente prejudicar sua alfabetização. Pode-se dizer que as dificuldades que hoje enfrentamos são agravadas devido a um passado de analfabetismo e desigualdades sociais.

Percebe-se a grande dificuldade de interpretação devido a não assimilação, entendimento do texto dos alunos; os professores procuravam ensinar aprender a ler, e não decodificar, pois neste a criança converte letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação, e tendo como consequência, enormes dificuldades para compreender o que tentam ler. Quando o aluno tem dificuldade de leitura não é apenas o texto que ele irá ter dificuldades de assimilação e compreensão, e sim em todas as outras disciplinas, pois todas requerem

interpretação, mesmo na disciplina de matemática, ciências, qualquer que seja, há um texto a ser interpretado.

Hoje, a Lei 9394/96 – LDB (Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional) preconiza que o aluno, ao concluir o ensino fundamental, deve saber ler, escrever, interpretar e expor seus pensamentos com clareza, coesão e coerência tanto na linguagem oral quanto na escrita e ainda calcular.

Portanto a leitura e a escrita não são conhecimentos a serem apreendidos somente pelo professor de português, nem o cálculo somente pelo professor de matemática. Hoje a Lei citada, exige que todos os professores do ensino fundamental tenham domínio dos conteúdos de todas as disciplinas. Assim, a questão da leitura e escrita é um compromisso que deve ser acatado por todos os professores, ou seja, de qualquer disciplina.

Contudo, devem-se encontrar opções para que se possam sanar as dificuldades de leitura, dentre estas, pode-se implantar um cantinho de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental de nove anos.

1.3 AS METODOLOGIAS A SEREM UTILIZADAS PARA UM MELHOR TRABALHO

Pretende-se através deste projeto que o fracasso escolar seja minimizado e a auto estima do aluno com dificuldades de aprendizagem seja recuperada. Quanto aos professores envolvidos neste processo espera-se que adquiram maior entusiasmo pela profissão de educador construindo uma práxis educativa no contexto desafiador do aluno com dificuldades na leitura e aprendizagem construindo melhores fundamentos e agregando experiências profissionais docentes. De acordo com o que foi exposto acima acredita-se que existem alguns fatores que contribuem para sanar as dificuldades de leitura, são eles:

- Proporcionar cursos de capacitação sempre que possível para motivação dos docentes (palestras, reuniões, etc);
- Motivar os profissionais do ensino fundamental para que possam trabalhar com práticas pedagógicas voltadas ao incentivo da leitura;
- Tentar adaptar o conteúdo a realidade do aluno;
- Marcar reuniões com os pais ou responsáveis para conhecer a realidade de seus alunos e interá-los do desempenho escolar de seus filhos;

- Favorecer ao aluno com baixa visão; livros de literatura infantil ampliado, com gravuras em relevo;
- Incentivar os professores do ensino fundamental a adotar o livro de literatura infantil assim como o dicionário um instrumento diário em sala de aula inserindo um cantinho de leitura. (JOLIBERT, 1994, p.43).

O governo está demonstrando uma real preocupação com o índice de alunos com dificuldades de aprendizagem e para facilitar esse processo, o mesmo está implantando programas e investindo bastante na educação. Um exemplo disso é o programa Pacto na Alfabetização pela idade certa, aonde professores do Município com experiências em alfabetização vão ao pólo mais próximo para receber capacitação de professores formadores pela Universidade Federal de Mato Grosso e ao retornar aos seus Municípios passam essa formação que receberam para os professores cursistas e estes tem o objetivo de planejar e aplicar atividades de diferentes gêneros textuais e que estão inseridos no cotidiano do aluno. O objetivo maior do programa é alfabetizar as crianças até os oito anos de idade diminuindo assim os altos índices de dificuldades de aprendizagem.

É repassado para cada professor cursista uma bolsa equivalente a duzentos reais e aos professores orientadores uma bolsa de seiscentos e sessenta e cinco reais, para incentivar e propor mudanças na prática pedagógica de cada professor. Alguns professores ainda têm resistência, porém no nosso município este programa esta dando certo, pois se percebe que os mesmos estão desenvolvendo as atividades em sala de aula. E também os materiais que foram disponibilizados são ótimos. Cada professor tem que ter em sala de aula um cantinho de leitura e incentivar aos alunos a serem leitores críticos e ativos.

Conforme PERROTTI (2004, p. 05),

as estações ou espaços de leitura podem ser cantinhos de leitura organizados nas próprias salas de aula (...), os Espaços de Leitura podem ser concretizados nas escolas de diferentes modos, só não podem deixar de existir...

Objetivos que o cantinho da leitura pode favorecer nas dificuldades de leitura segundo PERROTTI (2004, p. 05):

Criar nos alunos o hábito da leitura, através do contato com histórias infantis, Mostrar para a criança a importância de saber ler e suas utilidades no dia-a-dia de cada um, Despertar um ambiente prazeroso para a leitura, onde a própria criança pede e sente vontade de ir para o cantinho; Proporcionar através da socialização, produções de textos orais junto aos colegas.

O cantinho da leitura tem que ser bem constituído para proporcionar um ambiente mais rico e socializado conforme sugere PERROTTI (2004, p.06):

os Espaços de Leitura (...) podem – e devem – ter livros variados, bonitos, bons, de diversos tipos e formatos... Agora, mesmo que faltem recursos para um Espaço rico e variado não pode faltar emoção, sensibilidade, inteligência e, principalmente, sonho. Que o sonho é o sal da refeição. Com poucos livros, revistas, textos e muita imaginação já temos um Espaço de Leitura, mas sem imaginação, sem invenção, sem criação, mesmo tendo o maior e melhor acervo de livros e outros materiais, já não é Espaço de Leitura, lugar de trânsito de passagem, de movimento. É depósito, almoxarifado.

Mas, contudo, mesmo que seja com poucos livros tem que ser variados, bonitos, enfim, tem que atrair atenção dos alunos, além do que, tem que haver emoção, sensibilidade, inteligência da parte do docente para criar este cantinho, o docente precisa apaixonar-se pela idéia para que os alunos também se apaixonem.

O professor não pode esquecer que o aluno é ser social, com cultura, linguagem e valores específicos diferenciados um dos outros, então terá de estar sempre atento para as dificuldades. HOFFMANN (1991, p.16), afirma que deve haver *“reflexão permanente do educador sobre sua realidade e acompanhamento, passo a passo, do educando.”*

Conforme diz HOFFMANN (1991), a forma como é organizada a prática pedagógica do professor, faz com que sua capacidade de conhecimento que ele domina, interaja no sentido de uma participação coletiva fazendo com que haja de fato uma aprendizagem.

CAPÍTULO II

2.0 FATORES QUE CAUSAM AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Nossa sociedade, caracterizada por situações de injustiça e desigualdade, criam famílias que lutam com mil e uma dificuldades para sobreviver. Esses problemas atingem as crianças, que enfrentam inúmeras dificuldades para aprender.

“Uma dificuldade de aprendizagem refere-se a um retardamento, transtorno, ou desenvolvimento lento em um ou mais processos da fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética, ou outras áreas escolares, resultantes de um *handicap* causado por uma possível disfunção cerebral e/ou alteração emocional ou condutual. Não é o resultado de retardamento mental, de privação sensorial ou fatores culturais e instrucionais” (KIRK; GALLAGHER, 1962. p.263).

Alguns dos principais fatores etiológicos -sociais que interferem na aprendizagem são segundo SMITH & STRICK, (2001 p.27) :

Carências afetivas;

Deficientes condições habitacionais, sanitárias, de higiene e de nutrição;

Pobreza da estimulação precoce;

Privações lúdicas, psicomotoras, simbólicas e cultural;

Ambientes repressivos;

Nível elevado de ansiedade;

Relações inter familiares;

Métodos de ensino impróprios e inadequados.

Para SMITH & STRICK (2001, p.31), um ambiente estimulante e encorajador em casa produz estudantes adaptáveis e muito dispostos a aprender, mesmo entre crianças cuja saúde ou inteligência foi comprometida de alguma maneira. Inúmeras pesquisas apontam que o maior índice que interfere no processo de aprendizagem, ocorre com crianças pobres. Em tais pesquisas, as explicações apontadas para o problema deste fracasso escolar dizem respeito à condição econômica da família.

Muitas crianças apresentam dificuldades de aprendizagem. A dificuldades pode ser específica, como ocorre quando a criança apresenta dificuldades na leitura, ou pode ser geral, quando, por exemplo, ela apresenta um aprendizado mais lento que o normal em uma série de tarefas. (DOCKRELL & MCSHANE, 2000, p.11-12).

Ainda pode-se evidenciar entre alguns professores a associação da imagem do mau aluno na criança carente. Não é lícito estabelecer uma regra geral e inflexível atribuindo a todos os casos de problemas de aprendizagem um mesmo diagnóstico ou um enfoque generalizador. Segundo PAÍN (1985, p.33),

o fator ambiental é, especialmente determinante no diagnóstico do problema de aprendizagem, na medida em que nos permite compreender sua coincidência com a ideologia e os valores vigentes no grupo.

Por isso, cada caso deve ser avaliado particularmente, incluindo na avaliação o entorno familiar e escolar. Se os problemas de aprendizagem, estão presentes no ambiente escolar e ausentes nos outros lugares, o problema deve estar no ambiente de aprendizado. Às vezes, a própria escola, com todas as suas fontes de tensão e ansiedade, pode estar agravando ou causando as dificuldades na aprendizagem.

É preciso muita coragem para que essas crianças enfrentem todos os problemas que têm na escola. As crianças cujos pais entendem e acreditam nelas são aquelas que têm sucesso. Mesmo quando tudo dá errado, elas continuam estabelecendo objetivos e encontrando maneiras de chegar aonde querem ir. (SMITH & STRICK, 2001, p.38).

Quanto à estrutura familiar, nem todos os alunos pertencem a famílias, com recursos suficientes para uma vida digna. Normalmente, verificam-se situações diversas: os pais estão separados e o aluno vive com um deles; o aluno é órfão; o aluno vive num lar desunido; o aluno vive com algum parente; etc. Muitas vezes, essas situações trazem obstáculos à aprendizagem, não oferecem à criança um mínimo de recursos materiais, de carinho, compreensão, amor.

Alguns tipos de educação familiar muito comum em nossa sociedade são bastante inadequados e trazem consequências negativas para a aprendizagem. Os pais podem influenciar a aprendizagem de seus filhos através de atitudes e valores que passam a eles. PAÍN (1985 p. 47), classificam os pais nas seguintes categorias:

- **Pais autoritários-** manifestam altos níveis de controle, de exigências de amadurecimento, porém baixos níveis de comunicação e afeto explícito. Os filhos tendem a ser obedientes, ordeiros e pouco agressivos, porém tímidos e pouco persistentes no momento de perseguir metas; baixa auto estima e dependência; filhos pouco alegres, mais coléricos, apreensivos, infelizes, facilmente irritáveis e vulneráveis às tensões, devido à falta de comunicação desses pais.
- **Pais permissivos-** pouco controle e exigências de amadurecimento, mas muita comunicação e afeto; costumam consultar os filhos por ocasião de tomada de decisões que envolvem a família, porém não exigem dos filhos, responsabilidade e ordem; estes, tendem a ter problemas no controle de impulsos, dificuldade no momento de assumir responsabilidade; são imaturos, têm baixa auto estima, porém são mais alegres e vivos que os de pais autoritários.

- **Pais democráticos** - níveis altos tanto de comunicação e afeto, como de controle e exigência de amadurecimento; são pais afetuosos, reforçam com frequência o comportamento da criança e tentam evitar o castigo; correspondem às solicitações de atenção da criança; esta tende a ter níveis altos de autocontrole e auto estima, maior capacidade para enfrentar situações novas e persistência nas tarefas que iniciam; geralmente são interativos, independentes e carinhosos; costumam ser crianças com valores morais interiorizados (julgam os atos, não em função das consequências que advêm deles, mas sim, pelos propósitos que os inspiram).

MUSSEN (1970), interpreta essas conclusões em termos de aprendizagem e generalização social: os lares tolerantes e democráticos encorajam e recompensam a curiosidade, a exploração e a experimentação, as tentativas para lidar com novos problemas e a expressão de ideias e sentimentos. Uma vez aprendidas e fortalecidas em família, essas atividades se generalizam na escola.

A educação familiar adequada é feita com amor, paciência e coerência, pois desenvolve nos filhos autoconfiança e espontaneidade, que favorecem a disposição para aprender. PAÍN (1985, p. 33), destaca que

embora o fator ambiental incida mais sobre os problemas escolares do que sobre os problemas de aprendizagem propriamente ditos, esta variável pesa muito sobre a possibilidade do sujeito compensar ou descompensar o quadro.

De acordo com BELLI (2008, p.78), dentro da escola existem, entre outros, quatro fatores que podem afetar a aprendizagem:

- **O professor:** O autoritarismo e a inimizade geram antipatia por parte dos alunos. A antipatia em relação ao professor faz com que os alunos associem a matéria ao professor e reajam negativamente ambos.
- **A relação entre os alunos:** A relação entre os alunos será influenciada pela relação que o professor estabelece com os alunos: um professor dominador e autoritário estimula os alunos a assumirem comportamentos de dominação e autoritarismo em relação a seus colegas. Para aprender, o aluno precisa de um ambiente de confiança, respeito e colaboração com os colegas.
- **Os métodos de ensino:** Os métodos de ensino também podem prejudicar a aprendizagem. Se o professor for autoritário e dominador, não permitirá que os alunos se manifestem, participem, aprendam por si mesmos. Esse tipo de

professor considera-se dono do saber e procurará transmitir esse saber aos alunos, que deverão permanecer passivos, receber o que o professor lhes dá e devolver na prova.

- **O ambiente escolar.** O ambiente escolar também exerce muita influência na aprendizagem, o tipo de sala de aula, a disposição das carteiras e a posição dos alunos, por exemplo, são aspectos importantes. Uma sala mal iluminada e sem ventilação, em que os alunos permanecem sempre sentados na mesma posição, cada um olhando as costas do que está na frente, certamente é um ambiente que pode favorecer a submissão, a passividade e a dependência, e não favorece o trabalho livre e criativo.

Outro aspecto a considerar, em relação ao ambiente escolar, refere-se ao material de trabalho colocado à disposição dos alunos.

É evidente que com salas abarrotadas de alunos o trabalho se torna mais difícil. O número de alunos deve possibilitar ao professor um atendimento individual, baseado num conhecimento de todos eles. A administração da escola _ diretor e outros funcionários_ também podem influenciar de forma negativa ou positiva a aprendizagem. Se os alunos forem respeitados, valorizados e merecerem atenção por parte da administração, a influência será positiva. Se, ao contrário, predominar a prepotência, o descaso e o desrespeito, a influência será negativa.

De acordo com PAÍN (1985, p.33), *“o problema de aprendizagem que se apresenta em cada caso, terá um significado diferente porque é diferente a norma contra a qual atenta e a expectativa que desqualifica.”*

Percebe-se que se os pais souberem do poder e da força dos seus contatos com seu filho, se forem orientados sobre a importância da estimulação precoce e das relações saudáveis em família, os distúrbios de aprendizagem poderão ser minimizados. Considera-se fundamental importância para o desenvolvimento posterior da criança e para sua aprendizagem escolar, os sentimentos que os pais nutrem por ela durante os anos anteriores à escola.

É, sobretudo, à família, às suas características culturais ou situação econômica, que predominantemente se atribuíam responsabilidade pela presença ou ausência das pré-condições de aprendizagem na criança. No âmbito escolar, certas qualidades do professor, como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude

democrática, facilitam a aprendizagem. Ao contrário, o autoritarismo, a inimizade e o desinteresse podem levar o aluno a desinteressar-se e não aprender.

A profissão “educador” é, antes de tudo, uma missão, uma doação...Precisamos praticar o olhar e o escutar... A reconhecer no outro o ser pensante que é. A dar atenção ao outro, afinal atenção vem do verbo atender que significa cuidar. (BELLI, 2008, p.49)

Além disso, métodos didáticos que possibilitam a livre participação do aluno, a discussão e a troca de ideias com os colegas e a elaboração pessoal do conhecimento das diversas matérias, contribuem de forma decisiva para a aprendizagem e desenvolvimento da personalidade dos educandos. É importante que o professor e o futuro professor pense sobre sua grande responsabilidade, principalmente em relação aos alunos dos primeiros anos, sobre os quais, a influência do professor é maior.

2.1 POSSÍVEIS INTERVENÇÕES DO PSICOPEDAGOGO NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Segundo BELLI (2008), o professor é um dos primeiros profissionais capazes de identificar que tem algo de errado com a criança, tendo o cuidado necessário para não confundir uma criança viva e ativa com hiperatividade, não mergulhar no lugar comum de dizer que seu aluno é hiperativo só por que todos falam em hiperatividade, muito do que se fala são mais hipóteses do que certezas.

O professor tem que ter a sensibilidade de perceber se a criança está apresentando dificuldades, e por que ela está apresentando dificuldade, as vezes muitas dificuldades apresentadas tem causas externas, na escola e na família. No tratamento o professor depois de suas observações, tem que ter o cuidado de fazer a criança que tem dificuldades de aprendizagem, não se sinta inferior e que os demais colegas não o tratem diferente, suas atividades devem ser iguais, o trabalho pedagógico do professor será aplicado de maneiras diferentes, por que o aprendizado dessas crianças se dará de forma diferente.

Para que o psicopedagogo possa ajudar nas dificuldades escolares a criança precisa ser cooperativa e acreditar que ele vai entender tudo o que lhe for revelado, mesmo que seja naquela linguagem especial do desenho, do brinquedo, do jogo... (BOSSA, 2000, p.114).

BOSSA (2000), esclarece que a função do psicopedagogo é ajudar crianças e adolescentes a resolverem seus problemas na vida escolar. O psicopedagogo junto com o professor e a família deverá ser capaz de identificar o que está atrapalhando o desempenho da criança na escola. Ainda é preciso ressaltar que a intervenção do psicólogo é necessária, o tratamento é individual e se feito em conjunto tende a conduzir a criança para uma vida normal.

CAPÍTULO III

3.0 METODOLOGIA

Esta pesquisa ocorreu na Escola Municipal Profº Jari Edgar Zambiasi nos meses de Março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro do ano de dois mil e treze, tendo como foco os professores de 5º ao 9º ano e suas possíveis dificuldades para trabalhar com os alunos que tem dificuldades na aprendizagem.

3.1 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Foi elaborado um questionário semi estruturado contendo dez questões e este foi entregue a cinco professores desta instituição que serão nomeados professor A, B, C, D e E, para o não comprometimento do seu trabalho.

O primeiro questionamento foi escolaridade. Três professores tem nível superior completo e dois já se especializaram, sendo uma psicopedagoga e outro Especialista em Letramento e Alfabetização.

O segundo questionamento nos remete a questão Quais são os critérios utilizados para diagnosticar alunos com dificuldades de aprendizagem?

Para o professor A “Faço um pré diagnostico, instigando o sua procedência. Qual a profissão da mãe, do pai, o que os mesmos fazem. Como é o convívio na casa com a família ou na comunidade onde mora. Através desta análise, posso detectar qual o problema e como proceder, buscando meios para ajudar”.

Professor B Utilização de jogos pedagógicos, leitura de letras, numerais, imagens, cores, formas geométricas etc. “Enfim recursos básicos que um professor tem em sala de aula”.

Professor C “Atividades de classe, avaliação do aprendizado, prática de exercícios na lousa, acompanhamento do caderno”.

Professor D “Leitura e escrita. Através desses meios é possível perceber as dificuldades de aprendizagem em linguagem”.

Professor E “No dia a dia em sala de aula, percebe-se o desenvolvimento de aprendizagem de forma individual, e assim observando se o aluno consegue ou não fazer as atividades e os critérios que utilizo é a dificuldade”.

O professor primeiramente deve fazer um diagnóstico inicial e possivelmente esgotar todas as possibilidades cabíveis para depois encaminhar o aluno com dificuldades na aprendizagem para um especialista, seja ele psicólogo, fonoaudiólogo, psiquiatra, entre outros, e este deve então realizar todos os procedimentos para que o aluno aprenda de acordo com suas limitações.

A terceira questão De que maneira a escola, a família e a comunidade pode estabelecer uma parceria neste processo?

De acordo com o PROFESSOR A “A parceria só acontecerá quando todos estiverem envolvidos. A escola deve estar sempre aberta para receber os pais. A família sempre envolvida, pois a mesma é o apoio emocional, lembrar sempre que as regras, limites, deveres e acima de tudo amor verdadeiro”.

Professor B “Através de diálogo estabelecido entre as partes tendo como objetivo maior o desenvolvimento do aluno, procurando juntos estratégias para que este e se desenvolva. Com atividades extra classe envolvendo escola, família e Comunidade”.

Professor C “Cada qual assumindo os compromissos que lhes são peculiares”.

Professor D “A escola oferece os profissionais e o material didático necessário para o desenvolvimento da criança no que se refere a aprendizagem escolar. A família é a base que pode estimular , incentivar e acompanhar o seu desenvolvimento . Já a comunidade pode auxiliar como parceira ao ajudar no financeiro e moral para projetos que visem o bem estar das crianças”.

Professor E “Esta parceria infelizmente raramente acontece. São poucos os alunos que recebem o apoio dos pais. Mas quando é solicitada essa parceria, e os pais vem até a escola e em casa ajudam no processo de aprendizagem é algo que da bons resultados”.

Pais, professores, psicopedagogos, especialistas nas áreas afins devem fazer um planejamento quanto às estratégias de ensino e as intervenções que serão

aplicadas no decorrer do processo de ensino aprendizagem. A escola, por sua vez, entra com a parte curricular, ou seja, adaptar seu currículo, modificar o ambiente, flexibilizar no tempo de realização das atividades, assim, a criança se sentirá acolhida e estimulada no âmbito escolar.

O questionamento quatro Como o profissional denominado psicopedagogo pode intervir diante as dificuldades de aprendizagem?

Para o PROFESSOR A “O psicopedagogo deve descobrir o que esta originando as dificuldades e construir meios para que a criança desenvolva-se na sua aprendizagem”

O PROFESSOR B “Com as atividades individuais, dependendo de cada caso, que vá além das oferecidas pelo professor em sala de aula”

O PROFESSOR C “Depende muito do ponto de vista e do grau de dificuldade diagnosticada, às vezes não ajuda e sim atrapalha”

Para o PROFESSOR D “Descobrir quais são as falhas o que levou a surgirem, quando isso iniciou, quais os métodos para somá-los. Verificar - se a família da suporte a criança, a convivência com os colegas, professores, amigos, em fim todo o contexto e histórico e qual a melhor maneira de ajudar a criança”.

PROFESSOR E “Toda criança com dificuldade de aprendizagem, às vezes requer um diagnostico. Após esse diagnostico, o psicopedagogo pode utilizar atividades diferenciadas e dar uma atenção especial para que a criança consiga acompanhar os demais na sala de aula”.

O acompanhamento do psicopedagogo junto aos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagens é imprescindível, pois propicia aos mesmos, possibilidades de avanços em todas as áreas do conhecimento. As estratégias aplicadas irão tecendo uma rede de saberes, formando novos conceitos e dividindo responsabilidades.

Quais são os fatores que mais interferem na aprendizagem dos alunos?

Para o PROFESSOR A “No meu ponto de vista são os fatores emocionais, pois grande parte das famílias é desestruturada provocando assim um desequilíbrio”

PROFESSOR B “Falta de parceria entre a família/escola (dialogo) ajuda. Problemas particulares do aluno (econômico / emocional). Pouco interesse do aluno,

do professor (falta motivação/ baixo salário) Falta de uma política nacional que incentive que cobra resultados e que valorize os bons resultados oferecendo salários, empregos e educação melhor”.

PROFESSOR C “Fatores familiares, sociológicos, psicológicos e psicanalíticos.

PROFESSOR D “Psicológicos através da convivência, como lidar com as questões problemas que surgem, físicos e congênitos”

PROFESSOR E “Desestrutura familiar, falta de interesse e atenção dos pais e a pobreza também”.

Inúmeros fatores foram expostos pelos entrevistados, mas acredita-se que com amor pelo o que faz, o professor peça chave deste teatro que é a vida, pode transformar o espaço escolar em um espaço agradável, prazeroso, de forma a contribuir significativamente para o sucesso dos alunos.

O que você enquanto educador esta fazendo para diminuir o índice de alunos com dificuldade de aprendizagem?

PROFESSOR A “Procuro conhecer o aluno, como vive no grupo familiar. Em alguns casos chamo os pais, converso, falo da importância da presença constante dele; busca atividades relevantes e significativas para que desperte interesse do aluno. E por ultimo intervenção da psicóloga”.

PROFESSOR B “Faço uso de recursos disponíveis na instituição, peço ajuda aos familiares do aluno (a), a coordenação pedagógica. Procuro também mostrar ao aluno o porquê ele precisa aprender/estudar. Como forma de incentivo, elogio seus avanços”.

PROFESSOR C “Acompanhamento continuo e individual, dentro das possibilidades, recuperação paralela”.

PROFESSOR D “Trabalhar de forma diferenciada, falar com a família, encaminhar para a psicóloga para uma avaliação e acompanhamento da articulação e ou sala de recursos”.

PROFESSOR E “Como trabalho com a articulação, nos momentos das atividades, procuro explicar o que os alunos irão fazer bem como, a importância e

relevância que terá para sua aprendizagem. E também gosto de ter conversas informais e falar da importância dos estudos para a vida”.

Será que é possível através da ludicidade o aluno adquirir o gosto de aprender?

PROFESSOR A “Os problemas de aprendizagem são complexos, independente da complexidade a ludicidade é necessário. Porém temos que ter consciência de que o aprendizado não pode ser feito apenas por atividades lúdicas”.

PROFESSOR B “Com certeza a ludicidade é a melhor forma para desenvolver no aluno o gosto pela aprendizagem. Através do lúdico ele adquire mais poder de raciocínio, de concentração, aprende regras, valores, respeito ao outro e isto o torna mais atento as aulas do professor”.

PROFESSOR C “Depende muito das origens culturais do aluno e do grau de apoio que ele recebe na escola e na família”.

PROFESSOR D “Sim, principalmente na área das exatas que necessita de raciocínio lógico e os jogos ajudam em seu desenvolvimento”.

PROFESSOR E “Sim a ludicidade é um meio visual diversificado e desenvolve o raciocínio para concluir as tarefas. O lúdico envolve cores, formas e sons variados, atrai a atenção, desperta o gosto de aprender sem que a criança perceba”.

De acordo com os professores entrevistados a ludicidade é importante, através do brincar a criança passa a conhecer o mundo e adquire conhecimentos e habilidades diferentes. Cabe ao educador facilitar, ou seja, ser o mediador do conhecimento, oferecendo condições para a criança desenvolver seu crescimento como individuo, contribuindo efetivamente através da ludicidade para a aprendizagem do mesmo.

Como o articulador pode ajudar a sanar as dificuldades de aprendizagem na sala de aula?

PROFESSOR A e PROFESSOR B não souberam ou não quiseram responder este questionamento.

PROFESSOR C “Trabalhando de forma individual e diferenciada”

PROFESSOR D “Ele estará com um menor número de alunos e trabalhará com alunos no mesmo nível isso facilitará o apoio”.

PROFESSOR E “Acredito que para sanar as dificuldades do aluno, ele precisa se superar muito. E também cabe aos professores em sala de aula terem maior atenção com esses alunos para se alcançar o sucesso esperado”.

Para os entrevistados o professor articulador tem uma vantagem, pois atende um número pequeno de alunos e pode trabalhar com cada criança de maneira diversificada. Estamos em uma época de mudanças educacionais, nós educadores temos que ser multifuncionais, ou seja, não apenas educadores, mas filósofos, sociólogos, psicólogos, psicopedagogos, articuladores, criativos, sensíveis às mudanças e recreativos e muito mais para que possamos desenvolver as habilidades e a confiança necessária em nossos educandos, para que tenham sucesso no processo de ensino e aprendizagem e na vida. Tudo isso marcado pela ansiedade, medo, resistência e ao mesmo tempo esperança de um mundo melhor a todos.

De que maneira o professor da sala de multimeios pode contribuir com o trabalho do professor em sala de aula?

PROFESSOR A e PROFESSOR B não responderam.

PROFESSOR C “Não ajuda muito por que o sistema é falho. A prioridade na maioria das vezes é incluir e não estimular o desenvolvimento”.

PROFESSOR D “Informando e oferecendo material que possa estimular a aprendizagem e avanço também por parte daqueles que já dominam a leitura, a escrita e as operações essenciais”.

PROFESSOR E “Esse professor trabalha muito com a ludicidade, mas depende do intelecto dos alunos, das suas condições psicológicas para aprimorar a aprendizagem. Esses são grandes desafios”.

Diante o exposto pelos professores entrevistados acreditamos que os desafios são grandes, mas com determinação, coragem e parceria tudo é possível.

O que a gestão da escola está fazendo para ajudar os professores nas dificuldades encontradas na sala de aula?

PROFESSOR A “Preferiu não responder.

PROFESSOR B “Acredito que toda gestão escolar se prontifica a ajudar quando lhe é solicitada ajuda por parte dos professores. O que acontece é que muitas das vezes, a gestão não é cobrada nos trabalhos pedagógicos, sendo procurada apenas para resolver casos de indisciplina de alunos”.

PROFESSOR C “Também depende muito do ponto de vista de cada um. O que a gestão oferece e o que o professor realmente precisa”.

PROFESSOR D “Conversando com as crianças e seus pais, quando necessário vai até a casa analisar o contexto familiar e procura obter o material didático requisitado pelos professores”.

PROFESSOR E “Percebo que quando solicitado algo, ou recorro a alguém da gestão, novas ideias surgem e assim, através da troca de sugestões consegue-se alcançar novos objetivos”.

Todos estes questionamentos nos fazem refletir que independente das dificuldades existentes no meio escolar, existe sempre uma solução, mas para que isso seja realizado e obtido sucesso é preciso algumas parcerias, ou seja, gestores, escola, aluno, pais, professores, articuladores, psicólogos, fonoaudiólogos, sala de recursos entre outros. O professor tem que ser criativo e surpreender seus educandos, ensiná-los a pensar, procurar usar as vivências, competências e habilidades dos mesmos em suas aulas, dá identidade e personalidade a cada turma. No exercício da criatividade o profissional criativo pratica a arte de perguntar e usa a arte de ouvir para melhor conhecer os educandos. Jamais deve pensar que sabe tudo, ou que é o dono do saber, pois reconhece que a mente deve ficar aberta para novas aquisições de conhecimentos.

CONCLUSÃO

Percebemos, mediante ao exposto que os problemas de dificuldades de aprendizagem ora estão no professor, ora estão no aluno, ora estão na família ou no ambiente no qual se insere o aluno. O que nos causou admiração é que tanto a escola quanto a família estão distante como se não fizessem parte da mesma relação.

Para que o aluno com dificuldades de aprendizagem receba uma educação apropriada as suas necessidades, para além dos profissionais e pais, da adequada formação dos professores e dos agentes educativos, há que ter em conta que o conceito de dificuldade de aprendizagem não implica apenas no reconhecimento do direito que assiste ao educando de frequentar uma escola regular, pois, caso as práticas educacionais se resumem apenas à sua colocação na escola, sem nenhum tipo de serviços especiais, tais práticas resultam falaciosas e irresponsáveis.

A convivência na escola pública nos deu condições de perceber que os profissionais na atualidade, enfrentam sérias dificuldades em relação à aprendizagem dos alunos, isso nos levou a concluir que os mesmos precisam estar atualizados em conhecimentos gerais e específicos para que possam corresponder às exigências do mundo globalizado e também às expectativas do educando. Por outro lado, sabemos que os problemas de aprendizagem não podem ser resolvidos apenas com a instrumentalização dos educadores. Não podemos ser ingênuos achando que basta o professor estar bem preparado no campo científico e pedagógico para desempenhar satisfatoriamente o seu papel.

A escola pública é construída com a participação da família, dos professores e do estado. Quando um desses atores deixa de cumprir o seu papel, compromete o trabalho dos demais. Assim sendo, estudar a importância do psicopedagogo dentro de uma instituição não pode se dar de forma isolada, fora do contexto mais amplo que é a sociedade. Precisamos compreender a sociedade com a qual vivemos, através de sua cultura, suas relações de classe, suas relações de produção para compreender as especificidades do trabalho psicopedagógico que, por sua vez, não se dá desconceitualizado.

Devemos reconhecer as mudanças que tem ocorrido nas diversas fases de desenvolvimento da criança, a infância e a adolescência já requerem novos olhares por parte dos psicopedagogos, psicólogos, dos pediatras e, lógico dos educadores. Isso nos leva, inevitavelmente, a uma reavaliação do papel da escola e dos professores diante do ato de ensinar.

Além dessa conjuntura, que é de natureza mais ampla, deparamo-nos com a situação específica da aprendizagem no interior de nossas escolas. É importante que haja uma reflexão a respeito do processo da qualidade da educação e a contribuição de outros profissionais nesse processo. Sabemos que a situação de aprendizagem, no atual momento é preocupante. Como sabemos também que, depois da família, é o educador a figura mais próxima do aluno, é com ele que o aluno conta (ou deveria contar) nas suas angústias e dúvidas quando a família não tem condições de auxiliá-lo.

Portanto, é bastante oportuno um trabalho que reflita sobre o papel e a importância de um psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem, que esteja atento a uma nova prática onde ensinar e aprender sejam atos que caminhem para a mesma direção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSEDAS, Eulália. **Intervenção educativa e diagnóstico psicopedagógico**. Porto alegre: Artmed, 1996.

BELLI, Alexandra Amadio. **TDAH! E agora?: A dificuldade e da escola e da família no cuidado e no relacionamento com crianças e adolescentes portadores de Déficit de Atenção/ Hiperatividade**. São Paulo: Editora STS, 2008.

BOSSA, Nádía. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. **Dificuldades de aprendizagem: o que são e como tratá-las**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

_____. **Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

_____. **A psicopedagogia no Brasil – contribuições a partir da prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artes medicas, 2007.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

COLL, César PALACIOS, Jesus e MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v. 3.

DOCKRELL, Julie & MCSHANE, John. **Crianças com dificuldades de aprendizagem: uma abordagem cognitiva**. Trad. Andrea Negreda. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 4. ed. Petrópolis: Cortez, 1983b. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

HOFMANN, Jussara. **Avaliação mitos & desafios: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre Mediação, 1991.

JOLIBERT, J. 1994. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KIRK, Samuel & GALLAGHER, James J. **Educação da criança excepcional**. Trad. Marília Zanella Sanvicente. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1962.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. **Piaget e o processo de alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

MOLL, J. **Alfabetização possível: reinventar o ensinar e o aprender**. Os equívocos no ensino da língua escrita, p.54. A construção social da linguagem oral e escrita, p. 62. Paulo Freire e o sujeito histórico do conhecimento, p. 93. A construção da língua escrita, p.157. Porto Alegre. Mediação, 1996.

MUSSEN, P.H. **O desenvolvimento psicológico da criança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PATTO, Maria H. S. **A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia**. 4. reimpressão. São Paulo: T. A. Queiroz Ltda, 1996.

PERROTTI, E. **Estações de leitura na escola: por uma pedagogia cultural**. espaços de leitura. Rio de Janeiro: Lê 2004.

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. São Paulo: Ática,1984.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SMITH, Corinne & STRICK, Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores**. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre. Artmed, 2001.

SPODEN, Bernard; SARACHO, Olivia.N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: Artmed 1998.

ANEXOS

Questionário com professores, articulador e professor da sala de recursos

1) Qual sua escolaridade?

2) Quais são os critérios utilizados para diagnosticar alunos com dificuldades de aprendizagem?

3) De que maneira a escola, a família e a comunidade pode estabelecer uma parceria neste processo?

4) Como o profissional denominado psicopedagogo pode intervir diante das dificuldades de aprendizagem?

5) Quais são os fatores que mais interferem na aprendizagem dos alunos?

6) O que você enquanto educador esta fazendo para diminuir o índice de alunos com dificuldades de aprendizagem?

7) Será que é possível através da ludicidade o aluno adquirir o gosto em aprender?

8) Como o articulador pode ajudar a sanar as dificuldades de aprendizagem na sala de aula?

9) De que maneira o professor da sala de multimeios pode contribuir com o trabalho do professor em sala de aula?

10) O que a Gestão da escola esta fazendo para ajudar os professores nas dificuldades encontradas em sala de aula?
